

RAÍZES HISTÓRICAS E IDENTIDADE DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL (IELB)¹

Ricardo Willy Rieth²

Resumo: A Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) originou-se do trabalho promovido pelo Sínodo de Missouri, EUA, desde o princípio do século XX, entre imigrantes germânicos e seus descendentes, principalmente no sul e sudeste do país. Aspectos étnicos, sociais e culturais relativos à presença desse grupo religioso minoritário foram historicamente marcantes para a elaboração dinâmica de uma identidade, que se refletiu em sua estruturação institucional, nas práticas missionária, de serviço diaconal e pedagógica, bem como em sua presença em espaços públicos.

Palavras-chave: Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Identidade. Etnia. Missão. Cultura.

Historical roots and identity of the Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB)

Abstract: The Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB) began through the missionary and diaspora work of the Lutheran Missouri Synod, USA, among German immigrants and their descendants from the beginning of the 20th century mostly in the south and the southeast of the country. Ethnical, social and cultural aspects related to the presence of this religious minority were historically remarkable to the dynamical development of an identity which reflected itself over institutional structures and practices in mission, social ministry, education and public relations.

Keywords: Evangelical Lutheran Church of Brazil (IELB). Identity. Ethnicity. Mission. Culture.

A IELB como igreja de migrantes

Antes de falarmos a respeito da IELB e de sua história como instituição eclesial, é importante que lembremos alguns detalhes históricos sobre o povo das comunidades que a formam. Isso porque esse povo em grande parte já estava no Brasil antes de 1900, quando o Sínodo de Missouri (SM) enviou seu primeiro pastor, sendo ele o grande responsável pelo que a IELB efetivamente é.

¹ O artigo foi recebido em 12 de setembro de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 14 de outubro de 2009.

² É formado em Ciências Sociais na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, e Teologia no Seminário Concórdia da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), em Porto Alegre (RS). Em nível de doutorado e pós-doutorado, cursou História da Igreja na Universidade de Leipzig, Alemanha. É professor e pró-reitor de extensão e assuntos comunitários na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas (RS) e professor na Escola Superior de Teologia (EST) da IECLB. Integra a Comissão Editorial Obras de Lutero e o comitê científico do “Congresso Internacional de Pesquisa sobre Lutero”. rwrieth@est.edu.br

Desde as primeiras décadas do século passado, iniciara a imigração sistemática de europeus para o Brasil. Vieram alemães, suíços, holandeses, dinamarqueses, noruegueses, suecos, austríacos, italianos, poloneses, russos, teuto-russos, espanhóis, portugueses e outros mais. Era, em geral, gente simples: camponeses e pequenos artesãos, que deixaram sua pátria pressionados pela falta de terra, pela pobreza, pela ausência de perspectivas e pela esperança de uma vida melhor para suas famílias no Brasil. Para os governantes de seus territórios, a saída dessa gente representava um alívio, principalmente das tensões sociais, já que a pobreza provinha da injusta distribuição de renda e do desemprego, problemas que não sabiam, não podiam ou não queriam resolver. Parte desses imigrantes foi trabalhar nas plantações de café, na região Sudeste, mas a maioria veio para os três Estados do extremo sul – RS, SC e PR.

O governo imperial brasileiro, por sua vez, tinha um grande interesse na imigração desses europeus. Afinal de contas, eles iriam:

- ocupar o extremo sul do país, fortalecendo uma fronteira constantemente ameaçada por invasores da América hispânica;

- fornecer à cidade e aos quartéis produtos agrícolas, algo que a pecuária, principal atividade econômica regional, não tinha condições de oferecer;

- gerar uma classe média, passível de ser mão-de-obra assalariada, numa sociedade formada até então quase que exclusivamente por latifundiários e escravos;

- dignificar o trabalho num país onde realizar atividade braçal significava tanto quanto perder a honra e a liberdade diante da sociedade;

- branquear a raça num Brasil que era predominantemente negro no começo do século passado (e poderia a qualquer momento tornar-se palco de uma revolução da esmagadora e oprimida maioria negra contra a minoria branca, a exemplo do que ocorrera no Haiti em 1804);

- promover a valorização de terras virgens, que até então tinham reduzido ou nenhum valor, pois eram ocupadas por florestas ou habitadas por indígenas;

- expulsar os indígenas para a margem das terras colonizadas e colaborar no seu extermínio, ou então garantir a ocupação das terras de onde esses já tinham sido expulsos;

- sedimentar, enfim, na qualidade de pequenos proprietários, o regime de grande propriedade da terra, pois assegurariam as fronteiras do latifúndio e produziriam o que esse era incapaz de produzir: alimentos para os brasileiros.³

Tais condicionantes históricas têm marcado os destinos de muitos integrantes de comunidades da IELB. Marcam, em consequência, os caminhos da própria IELB. Milhares de filhos daquele povo imigrante migram até o dia de hoje. A pequena

³ Cf. DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade**: Estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Porto Alegre; Caxias do Sul, 1984. p. 21-28; WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização**: a pregação itinerante no Sínodo Riograndense. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 13-29. (Série Teses e Dissertações, v. 8).

propriedade, que já era pequena, foi ficando cada vez menor; foi sendo engolida pela grande propriedade. Do extremo sul muitos partiram em direção ao oeste de SC, ao oeste do PR, ao MT, Paraguai, RO e assim por diante, sempre seguindo a fronteira agrícola; outros têm deixado o ES em busca das novas áreas de colonização.

Milhares, por outro lado, foram da zona rural à urbana. Se há 50 anos cerca de 70% dos brasileiros viviam no campo, cerca de 85% estão nas cidades. Entre os que vendem ou abandonam sua propriedade, chegam às cidades e engrossam a população das vilas e favelas, encontram-se muitos luteranos que vêm com a carta de transferência da comunidade interiorana, mas jamais a entregam nas comunidades urbanas da igreja. Sentem-se deslocados e usam roupas simples. Por vezes, falta o dinheiro do ônibus para ir ao culto. Acabam se juntando a uma comunidade de outra denominação, geralmente pentecostal, que se reúne lá mesmo na periferia, onde a maioria usa roupas simples e chinelos de dedo.

As condicionantes históricas do povo das comunidades da IELB também têm outras implicações. O imigrante europeu, como já foi dito acima, foi jogado pelo governo imperial contra os indígenas, ao ser assentado em terras a eles pertencentes, e contra os negros, por ter vindo branquear a raça brasileira. A sobrevivência do imigrante branco dependia, portanto, do extermínio biológico, genético e cultural de índios e negros. A partir daí compreendemos melhor o preconceito racial presente no povo das comunidades.

Estruturação eclesiástica

Cerca de 60% dos imigrantes de fala alemã vindos ao Brasil eram protestantes. Em suas regiões de origem, eles pertenciam a comunidades geralmente vinculadas a igrejas territoriais, isto é, igrejas que em questão de doutrina e praxe eclesiástica dependiam bastante da tradição confessional do território ou da política dos governantes. Algumas dessas igrejas territoriais protestantes seguiam uma linha mais reformada, isto é, mais de acordo com a tradição de Zwinglio e Calvino. Outras seguiam uma linha mais luterana. Também vieram ao Brasil valdenses e anabatistas. Por outro lado, desde o início do século passado, houve igrejas territoriais que se tornaram unidas, isto é, procuraram conciliar elementos das tradições reformada e luterana. Muita gente se rebelou contra essa união e acabou fundando comunidades livres, pois não toleravam participar da Santa Ceia com quem tivesse doutrina diferente, nem aceitavam uma liturgia diferente. Outros tinham medo que se realizasse uma união assim em seu território e acabaram emigrando.

A maioria dos protestantes deixou sua pátria por razões econômicas. Quem veio e se estabeleceu durante os primeiros 40 anos raramente foi acompanhado por pastores formados em Teologia e ordenados. Na prática, as igrejas territoriais de origem os ignoraram. Que fizeram então os colonos? Eles tratavam de escolher uma pessoa de seu meio, geralmente alguém que tivesse um pouco mais de estudo, para pregar o evangelho e administrar os sacramentos em nome da comunidade. Surgiu

assim a figura do “pastor-colono”, que também pode ser chamado de “pastor-livre”. Como os colonos também instituíam uma escola junto à igreja, em muitos casos o pastor-colono também acumulava a função de mestre-escola. É provável que algumas das pessoas aqui presentes tenham conhecido ou até mesmo tenham sido batizadas por um pastor assim, já que algumas comunidades livres, especialmente no sul do RS, até hoje são atendidas por fiéis e dedicados pastores-colonos.⁴

Os primeiros imigrantes protestantes tinham, portanto, uma liberdade no que tange à igreja que não conheciam na Europa. Sua participação em uma determinada comunidade não era obrigatória, não tinham seus pastores impostos por uma estrutura eclesiástica atrelada ao Estado e não precisavam pagar tributo eclesiástico. Pelo contrário, aqui no Brasil eles mesmos organizavam suas comunidades, escolhiam seus pastores e fixavam o valor das taxas a serem pagas à comunidade.

Após os primeiros quarenta anos de imigração, começaram a chegar, de forma sistemática, pastores formados e ordenados. Eles foram enviados e financiados geralmente por associações missionárias ligadas a igrejas territoriais alemãs. Porém, não eram apenas essas que passaram a se interessar pelos colonos. Após a unificação alemã (1871) e especialmente depois da queda do chanceler Otto von Bismarck (1890), impôs-se crescentemente a posição daqueles que queriam o Estado alemão fomentando diretamente a preservação da cultura germânica dos imigrantes e seus descendentes no Brasil. Quatro instituições seriam básicas para tal: a imprensa alemã, a escola alemã, a marinha alemã e as congregações e igrejas de fala teuta.⁵

Os pastores formados e ordenados que aqui chegavam tinham muito trabalho pela frente, pois, mesmo com a atuação de pastores-colonos, havia grande falta de assistência pastoral. Além disso, os pastores formados e ordenados geralmente viam os pastores-colonos com certo desprezo. No seu entender, eles já não eram mais necessários, pois agora os “verdadeiros” pastores estavam aí. Passaram a tachá-los de charlatães, imorais, falsos, interesseiros, cachaceiros (Schnapspfarrer) e “pseudopastores”. Seguramente havia pastores-colonos que não passavam de aproveitadores, gente que não queria pegar na enxada e ansiava por uma posição social superior na colônia. Só que entre os pastores formados e ordenados também tinha gente desse tipo. Muitos pastores-colonos, então, não quiseram abandonar seu ministério, pois se sentiam tão chamados pelas comunidades quanto os outros. Do mesmo modo, muitas comunidades estavam satisfeitas com seu pastor-colono, que usava uma linguagem mais próxima à do povo e conhecia melhor as condições de vida na colônia, e acabaram rejeitando os pastores formados e ordenados.

Para facilitar seu trabalho, para articular as comunidades entre si e, não por último, para combater a atuação de pastores-colonos, os pastores formados

⁴ Cf. TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e igreja**: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul. 1996. 176 f. Tese (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996.

⁵ Cf. DREHER, 1984, p. 43-46.

e ordenados vindos da Europa trataram de organizar sínodos. A principal função desses sínodos era representar os interesses das diversas comunidades e de seus integrantes diante das autoridades constituídas. A fim de serem o mínimo possível excludentes em relação a comunidades de tradição teológica e de piedade diferentes, três deles optaram por não adotar uma base confessional única. Na história do luteranismo brasileiro, vale lembrar, quem funda sínodos são sempre e antes de mais nada pastores formados e ordenados. Os representantes leigos de comunidades, embora geralmente estivessem presentes, tiveram um papel secundário. A eles, porém, sempre coube manter – parcial ou integralmente – tais estruturas depois que tinham sido criadas. Isso vale também e em muito para a IELB. A partir daí podemos compreender por que tantas comunidades olharam com desconfiança e resistiram tanto antes de se filiar a um sínodo.

O Sínodo de Missouri (SM) no Brasil

Durante sua convenção de 1899, o SM decidiu iniciar o trabalho de atendimento a imigrantes protestantes no Brasil. A questão tinha sido discutida durante toda a última década do século. Havia gente dentro do SM que incentivava bastante nessa direção, chegando a ponto de frequentemente escrever sobre a situação espiritual dos imigrantes e seus descendentes no principal periódico do sínodo. Outros, porém, eram contra toda e qualquer iniciativa do SM no Brasil. Em geral, tinham medo que o sínodo patrocinasse o trabalho no Brasil, investindo recursos humanos e financeiros, em detrimento de sua responsabilidade missionária e pastoral dentro dos EUA.

Um dos principais líderes do grupo contrário ao envolvimento com o Brasil era o P. Heinrich C. Schwan, que foi presidente do SM de 1878-1899. Schwan era natural da Alemanha, onde fora ordenado pastor em 1843. Antes de ir aos EUA, ele trabalhou de 1844-1850 como tutor dos filhos de um fazendeiro alemão assentado na colônia de Leopoldina, no sul da Bahia. Ao que tudo indica, Schwan tivera uma experiência negativa naquela colônia decadente e ao final fracassada economicamente, que, ao contrário da maior parte das colônias alemãs, não era formada por pequenos, mas por grandes proprietários. Ele não se identificara com a maneira daqueles imigrantes alemães viverem sua fé, tendo por isso desrecomendado totalmente qualquer esforço pastoral da parte do SM em relação a eles. Proclamar o evangelho à população baiana, formada mormente por escravos negros brutalmente explorados e oprimidos, foi algo que Schwan sequer cogitou.⁶

⁶ Heinrich C. Schwan também é o autor do questionário de 375 perguntas sobre as principais partes catequéticas que foram anexadas ao Catecismo Menor de Lutero, que muitos de nós decoramos durante nosso ensino confirmatório pensando que fossem do Reformador. Cf. LUTERO, Martinho. **Catecismo Menor**. 10. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1965. p. 32-167.

Favorável ao início do trabalho do SM aqui era a conjuntura internacional. Da virada do século até a Primeira Guerra Mundial, ocorreu um considerável aumento da influência dos EUA sobre a América Latina. Houve uma enorme expansão do comércio e dos investimentos dos EUA aqui, que se transformou no maior credor das repúblicas latino-americanas. Desde começos do século XX, intensificaram-se também as invasões e ocupações militares norte-americanas na América Central e no Caribe. Entre 1898 e 1900, deu-se a Guerra Hispano-Americana, em consequência da qual Porto Rico foi anexado e Cuba, ocupada.⁷ Tal interesse pela América Latina refletiu-se também em diversas denominações e associações missionárias sediadas nos EUA, que intensificaram suas atividades aqui.

Vencida a oposição interna e aprovado o início do trabalho no Brasil, organizou-se uma coleta entre os distritos de LC-MS para financiar o projeto. Decisiva foi a doação de US\$ 2.000 por pessoa(s) anônima(s), o que permitiu que o P. C. J. Broders (†1967) fosse enviado em 1900 ao Brasil para realizar uma visita de prospecção missionária. Broders fora capelão do exército dos EUA durante a Guerra Hispano-Americana e atuara em Cuba. Ele veio ao RS e dirigiu-se primeiramente a Novo Hamburgo, onde foi recebido pelo P. Johann F. Brutschin (1844-1919).

Brutschin era alemão, tendo-se criado na região de Baden, onde a igreja territorial era unida. Realizou seus estudos teológicos em St. Chrischona, na Suíça, uma instituição moldada pela teologia reformada e pela espiritualidade pietista. Em 1867, Brutschin foi enviado ao Brasil pela Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América (Barmen), tendo assumido a comunidade de Dois Irmãos, RS. Ele participou das fundações tanto do primeiro sínodo, em 1868, como do Sínodo Riograndense, em 1886, do qual foi secretário. Por volta de 1890, entrou em atrito com o pastor da vizinha paróquia de Sapiranga por causa do atendimento a membros dissidentes de uma congregação nas redondezas. Na mesma época, afastou-se do Sínodo Riograndense, tornou-se professor de uma escola por ele próprio fundada em Novo Hamburgo e atendeu comunidades livres das redondezas. Brutschin queria ter as instituições por ele atendidas vinculadas a alguma entidade eclesiástica no exterior. Para tal, escreveu a sociedades missionárias da Alemanha, prestando relatórios sobre o abandono espiritual dos imigrantes protestantes e solicitando o envio de pastores. Uma dessas sociedades contactadas foi a Associação da Caixa de Deus Luterana, da Baviera, que desde 1897 atuou em terras brasileiras, apoiando o Sínodo Evangélico-Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados

⁷ A ocupação de Cuba deu-se entre 1898-1902. Depois disso, a ilha foi invadida novamente por três vezes entre 1906-1920. O Panamá foi seccionado da Colômbia, em 1903, pela interferência dos EUA. A infantaria da marinha norte-americana controlou o Haiti de 1915-1935, a República Dominicana de 1916-1924 e a Nicarágua de 1912-1933. Sobre a relação entre esse aumento de influência econômico-político-militar e a expansão das missões protestantes norte-americanas na América Latina, cf. PRIEN, Hans-Jürgen. *La historia del cristianismo en América Latina*. Salamanca: Sígueme; São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 509-514.

da América do Sul.⁸ O êxito que não teve em relação à Europa, Brutschin obteve em relação ao SM dos EUA. A visita de Broders era prova disso.

Broders decepcionou-se grandemente com a moral dos imigrantes alemães em Novo Hamburgo. Segundo ele, esses eram bastante indiferentes à religião. Preferiam divertir-se aos domingos jogando, dançando e entregando-se à sensualidade ao invés de irem ao culto. Nas escolas havia mestres sem as mínimas condições morais e que tinham sido expulsos da Alemanha por apresentar desvios de conduta. As diretorias de comunidades tinham poder para decidir a respeito de todas as questões eclesiais sem recorrer à assembleia geral dos membros. Por fim, muitos alemães dali eram membros de lojas maçônicas. A constatação disso tudo e a observação de que o Sínodo Riograndense já tinha pastores nas possíveis áreas de trabalho fizeram com que Broders desrecomendasse o RS como campo missionário.⁹

Pouco tempo depois, Broders dirigiu-se à cidade de Pelotas e esperava pelo embarque de volta aos EUA. A maior parte dos núcleos de colonização próximos a Pelotas e São Lourenço tinha comunidades – que ao mesmo tempo eram mantenedoras de escolas – atendidas em sua maioria por pastores-colonos ou por pastores itinerantes ligados ao Sínodo Riograndense.¹⁰ Broders foi levado a conhecer um grupo de imigrantes na localidade próxima chamada São Pedro. Um dos líderes era Augusto W. Gowert, integrante de uma das diversas famílias de origem teuto-russa ali estabelecidas. Ele mesmo interrogou Broders quanto aos seus conhecimentos doutrinários e vida de fé, tendo surgido a partir daí uma identificação entre eles.¹¹ Broders acabou sendo convidado para ser pastor de sua comunidade.

⁸ Cf. ROSER, Hans. **Von Bayern bis Brasilien:** der Martin-Luther-Verein: ein Stück bayerischer Kirchengeschichte. Rothenburg o. d. T.: [s.n.], 1985. p. 44-46.

⁹ Cf. o relatório de C. J. Broders. In: F[UERBRINGER], L. *Wie steht es mit Unserer Mission in Brasilien?* **Der Lutheraner**, v. 56, n. 245, 7 ago. 1900.

¹⁰ Antes de Broders chegar à região, foram Michael Haetinger, por volta de 1892, e Wilhelm Sudhaus, por volta de 1900, os pastores itinerantes do Sínodo Riograndense que atendiam comunidades nas áreas de colonização de Cerro Negro, Pedras Brancas, Barão do Triunfo, São Feliciano, Vale do Camaquã, Morro Redondo e Arroio do Padre. Cf. WITT, 1996, p. 126s, 128 e 160.

¹¹ É muito interessante o que WARTH, 1979, p. 15s, relata a respeito do encontro entre Broders e Gowert: “Conta-se que na noite anterior à chegada do pastor Broders, [Gowert] teve um sonho muito interessante. Antes de adormecer, em fervorosa oração, pedira mais uma vez um fiel pregador do Evangelho. O sr. Gowert tinha certeza de que Deus iria atender suas preces. Nesta noite, em sonhos, viu uma cruz alta, toda de ouro, que emitia raios brilhantes em todas as direções. o [sic] pé da cruz estava cercado de moedas estranhas, nunca antes vistas por ele. No dia seguinte seguidamente recordava-se do sonho. Foi quando chegou o pastor Broders, apresentando-se como pastor luterano e oferecendo-se para servi-los fielmente. Gowert o escutou desconfiado devido às más experiências anteriores [i. e., com pastores-colonos]. Ficou satisfeito quando ouviu o que aquele pastor lhe disse a respeito das verdades bíblicas. Durante a conversa Broders mostrou-lhe algumas moedas que trazia no bolso. Formou com elas uma cruz que cercou com outras moedas. Gowert, bastante impressionado, reconheceu nelas as moedas que vira no sonho. Isto convenceu-o de que o pastor Broders era o cura d’almas que Deus lhe havia enviado. A cruz radiante somente podia significar a pregação do genuíno [sic] evangelho de Cristo. As moedas significariam a ajuda dos irmãos americanos que sustentariam com suas ofertas a missão no Brasil”.

No dia 1º de julho de 1900, 17 famílias decidiram solicitar atendimento pastoral da parte do SM, tornando-se assim a primeira comunidade a integrar o que é hoje a IELB. Broders, que além da função pastoral também ensinava na escola comunitária de São Pedro, foi substituído pelo P. Wilhelm Mahler (1870-1966) em 1901. Ele foi sem dúvida a principal liderança da IELB desde essa época até 1914, quando retornou aos EUA. No mesmo ano de 1901, chegaram também mais três pastores dos EUA para pastorear as comunidades de Santa Coleta, Santa Eulália e Bom Jesus, localizadas na mesma região.

A expectativa, porém, de um rápido avanço do trabalho dos pastores do SM no sul do RS acabou se frustrando. A maior parte das comunidades livres refugou o atendimento. A influência dos pastores-colonos permanecia muito forte. Os pastores do SM, por outro lado, não estavam dispostos a reconhecer nos pastores-colonos mais do que membros leigos iguais aos outros. Já Broders fora bem claro nesse sentido: “Se eu tivesse feito amizade com esses vagabundos clericais, então teria sido aceito pacientemente. Como porém não quis me nivelar a eles, acabaram por se colocar em pé de guerra contra mim”¹². Periódicos locais e periódicos eclesiais alertavam em relação aos invasores ianques, que poriam em risco o sucesso econômico dos colonos e sua identidade cultural germânica. Também integrantes do Sínodo Riograndense criticaram publicamente a presença de pastores do SM no RS, considerada como concorrência desleal. Os do SM, por sua vez, contra-atacavam apontando para os chamados a eles enviados pelas comunidades e declarando o Sínodo Riograndense incapaz de atender os colonos luteranos devido à sua indefinição confessional.

Em meio a tudo isso, o trabalho do SM expandiu-se a outras áreas do RS. Como resultado de viagens de Mahler, seus pastores passaram a atuar em comunidades nas regiões noroeste (Rincão dos Vales, hoje Santa Clara do Ingaí) e central (Toropí, Nova Santa Cruz, Jaguari e Rincão São Pedro, hoje São Pedro do Sul), nas colônias velhas (São Leopoldo, Dois Irmãos, além de Estância Velha, já atendida por Brutschin) e em Porto Alegre. Aqui foram organizadas comunidade e escola no bairro Navegantes, a C. E. L. Cristo e o Colégio Concórdia, integradas por um bom número de imigrantes teuto-russos. Já nos primeiros anos, as instâncias de administração e formação da IELB serão transferidas para a capital.

Num primeiro momento, foram estabelecidas três conferências pastorais, as do sul, noroeste e da capital do RS. Assessorados pelo presidente do Departamento de Missão Interna do SM, P. Ludwig Lochner (1842-1909), que veio em 1904 ao Brasil na qualidade de visitador, integrantes dessas conferências pastorais, acompanhados de representantes leigos das comunidades, reuniram-se de 23 a 27 de junho do mesmo ano na atual São Pedro do Sul para a primeira convenção. No dia

¹² Cf. [BRODERS, C. J.]. *Missionsreise in Brasilien*. **Der Lutheraner**, v. 57, n. 197, 25 jun. 1901, apud BUSS, Paulo W. **Um grão de mostarda**. Porto Alegre: Concórdia, 2006. v. 2: A história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, p. 35.

de São João, foi fundada a IELB, que teve como primeiro nome *Der Brasilianische District der deutschen evangelisch-lutherischen Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten*. Tratava-se do 15º distrito do SM.

Nos anos seguintes, deu-se a expansão geográfica. Passou-se a atender comunidades no Alto Taquari (Roca Sales, 1904), no noroeste (Ijuí, 1905), nordeste (Rolante, 1906) e norte do RS (Erechim, 1911), em SC (1921), PR (Cruz Machado, 1921), no ES (1929), no RJ (1929), em SP (1931), MG (1933), PE, BA e GO (1951), DF (1958), MT (1957), PA e PB (1969), RO e MA (1971), PI (1978), CE (1979), AL (1981), RR e AM (1984), RN (1986), AC (1988). A partir do Brasil, iniciou-se também atendimento pastoral ligado ao SM na Argentina (1905), Portugal (1959) e Paraguai (1971).

Em situações excepcionais, iniciou-se a missão a partir de pessoas evangelizadas por meio de literatura ou de programas radiofônicos da Hora Luterana (desde 1937 no Brasil) e que entraram em contato com pastores. Na imensa maioria dos casos, porém, o trabalho restringiu-se ao acompanhamento dos descendentes de imigrantes europeus – principalmente alemães – migrando para novos centros urbanos ou no encaicho da fronteira agrícola, os desenraizados, sobre os quais já se falou no início.

É preciso reconhecer o imenso esforço empreendido pelos pastores, especialmente nos primeiros tempos. Os que vieram dos EUA e os daqui trabalhavam sob condições tremendamente precárias, por vezes em ambiente hostil. A cavalo ou sobre o lombo de mulas, enfrentavam estradas péssimas em viagens excessivamente demoradas, que os afastavam de suas famílias muitas vezes por semanas. Não foi uma só vez que um desses pastores, ao voltar de viagem, recebeu a notícia da morte de um filho, sem ter podido acompanhar seu sepultamento. Os salários com frequência não correspondiam ao alto custo de vida no sul do Brasil, que chegava muitas vezes ao dobro ou ao triplo do nível norte-americano, ou então se deterioravam devido às taxas de câmbio desfavoráveis.¹³

Por outro lado, em diversas ocasiões, pastores foram enviados a atender grupos dissidentes de comunidades ligadas a outros sínodos, especialmente comunidades ligadas ao Sínodo Riograndense. O contrário também se deu. De comunidades ligadas ao SM surgiram dissidências que solicitaram o acompanhamento de pastores de outros sínodos. Não temos notícia de divisões ocorridas por motivos confessionais. Em geral, desde muito antes da vinda sistemática de pastores formados e ordenados ao Brasil, brigava-se por questões de administração comunitária e escolar, de patrimônio, quando da construção de templos, etc. Desse modo, a IELB, em seus começos, e também os outros sínodos existentes, ao acolherem esses grupos

¹³ Em 1904, cada pastor recebia 1.600 mil-réis de salário anual, o que equivalia a US\$ 400 – o salário de um operário em Porto Alegre nessa mesma época era de, em média, US\$ 360; um ano depois, essa mesma quantia de dólares valia apenas 1.100 mil-réis. A partir de 1908, o salário anual foi elevado a US\$ 600 e de 1916 a US\$ 800. Cf. BUSS, 2006, p. 155, 169s.

dissidentes, acentuavam a busca por caminhos próprios, ao invés da cooperação. Em decorrência disso, recursos humanos e materiais para a evangelização superabundavam em alguns lugares, enquanto muitas pessoas permaneciam relegadas ao total abandono em outros.¹⁴

Missão e diaconia

A partir das informações apresentadas acima para descrever a gênese e a estruturação da IELB, podemos deduzir alguns elementos relativos ao caráter de sua missão.¹⁵ Trata-se, a maior parte do tempo, de uma missão seletiva e excludente em relação a amplos setores da população brasileira. Sem dúvida, o enclausuramento – plenamente compreensível do ponto de vista histórico – das comunidades de imigrantes e seus descendentes em torno de sua etnia, cultura e tradição denominacional contribuiu em muito para isso. Por outro lado, a iniciativa missionária do SM nos EUA também é desde saída seletiva. Mesmo antes do começo do trabalho aqui, isso fica claro, como lemos num artigo de 1899:

Que tremendo campo missionário! [...]. Lá nossos missionários não precisam aprender penosamente línguas estrangeiras, poderiam anunciar em nossa amada língua materna alemã a doce mensagem da redenção do gênero humano por Jesus Cristo a nossos irmãos e irmãs alemães. Lá eles não precisariam procurar por alemães vivendo solitários ou dispersos. A Comissão [Geral para Missão Interna] realizou junto com o honrado Sr. Pres. Geral e com seus membros anteriores uma consulta e conversa. O resultado foi: “Sim, essa é a hora, agora temos condições e não podemos mais nos omitir ao dever imposto pelo amor de levar o evangelho aos alemães do Brasil¹⁶.”

Num segundo momento, a missão realizada foi seletiva mesmo dentro do universo dos colonos. Havia, na opinião dos primeiros pastores, grupos de colonos para os quais faria sentido prestar atendimento espiritual e grupos que deveriam ser desconsiderados. O critério de seleção foi o tipo de espiritualidade. Quanto mais os colonos tivessem uma vida de fé e conduta regradadas pelo reavivamento pietista, profundamente arraigado nos pastores, tanto mais eles se tornavam objeto

¹⁴ Sobre as relações, muitas vezes hostis, entre pastores da LC-MS e pastores dos sínodos formadores da IECLB, cf. STEYER, Walter. **A implantação do luteranismo confessional entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul - Brasil: 1900-1904**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1993. p. 285-338 e PRIEN, Hans-Jürgen. **Evangelische Kirchwerdung in Brasilien: von den deutsch-evangelischen Einwanderergemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien**. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1989. p. 575-588.

¹⁵ Passo aqui a resumir as principais conclusões de RIETH, Ricardo W. **O caráter missionário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1986. 40 fl. Monografia – Seminário Concórdia, São Leopoldo, 1986. (inédita).

¹⁶ **Der Lutheraner**, v. 55, 1899, p. 217s. Também a decisão da convenção da LC-MS de 1889 de atuar no Brasil e Argentina deixa claro tratar-se de “missão interna”, cf. BUSS, 2006, p. 20, nota 46.

da missão interna (*Innere Mission / home mission*) e da missão de arrebanhamento (*Sammeln Mission*). Isso pode ser observado nos relatórios sobre a situação espiritual nas colônias. O que não se moldava ao modelo de piedade dos pastores era automaticamente tachado de frieza, indiferentismo religioso e licenciosidade. Esse critério de seleção era muito forte e se tornou um dos critérios apontados por Broders em 1900 para, num primeiro momento, desrecomendar toda e qualquer atividade do SM no Brasil. O prospector só mudou de opinião após entrar em contato com teuto-russos no interior de Pelotas, gente marcada em sua piedade por um espírito de reavivamento pietista semelhante ao dele. Tal identificação determinou os destinos da IELB também em outras ocasiões, como, por exemplo, nos começos do trabalho em Porto Alegre/RS e em SC. Também a rejeição por parte de algumas das primeiras comunidades a práticas adióforas, como a inscrição prévia dos comungantes, o uso do sinal da cruz e de hóstias ao invés de pão na Santa Ceia, era vista como afronta à doutrina luterana.¹⁷

Durante a Primeira Guerra Mundial, depois que o Brasil se unira aos aliados contra a Alemanha, foram baixados decretos proibindo temporariamente o uso da língua alemã em igrejas e escolas. Isso trouxe grandes dificuldades às comunidades. Não foi por coincidência, portanto, que logo após essa experiência dramática ocorreram as primeiras tentativas de pregar o evangelho a não-germânicos. Merecem destaque as iniciativas de missão entre luso-brasileiros em Lagoa Vermelha (1918-1928) e entre negros em Solidez, Canguçu (a partir de 1919), ambos os lugares no RS. Esses esforços, no entanto, não procederam de um impulso da IELB como um todo, mas originaram-se muito mais do desejo manifestado pelos próprios evangelizados e da disposição excepcional dos pastores que foram ao seu encontro, um deles norte-americano e o outro nascido e formado aqui.¹⁸ A IELB só será sacudida definitivamente no sentido de ir se tornando igreja “[...] do Brasil” durante a Segunda Guerra Mundial, quando, mediante a política de nacionalização de Getúlio Vargas, as proibições quanto ao uso da língua alemã em publicações, escolas e ofícios públicos foram mais drásticas e duradouras.

Se nos começos da IELB a abertura da evangelização a não-germânicos era iniciativa de indivíduos ou comunidades isoladas, o mesmo pode ser dito em relação à diaconia. A verdade de que evangelização e diaconia andam juntas na tradição cristã desde os primórdios da igreja, verdade essa reiterada na Reforma de Lutero, vem se impondo com lentidão – em grande parte desde os anos 1980 – na prática eclesial global da IELB. Isso é preocupante, na medida em que regridem

¹⁷ Cf. o testemunho do próprio [MA[HLER, Wilhelm] . Unserer Mission in Südamerika. *Der Lutheraner*, v. 71, p. 479, 7 dez. de 1915 e BUSS, 2006, p. 56-58.

¹⁸ Cf. REHFELDT, Mário L. **The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**, the Brazilian District of the Missouri Synod. 1962. 213 p. Tese [Mestrado] – Concordia Seminary, St. Louis, 1962. (não publicada), p. 108-112; RIETH, 1986, p. 12-19. Sobre a missão em Lagoa Vermelha, sei da existência do trabalho de ZIMMER, Rudi. **The first luso-brazilian mission of the Brazil district of the Missouri Synod.**

muito lentamente o empobrecimento, a miséria, a injustiça social, a exploração econômica e a concentração da riqueza no Brasil, problemas que atingem cada vez mais os membros de comunidades da IELB. A primeira iniciativa de maior projeção na diaconia deu-se em Moreira, Gramado (RS), a partir de 1945, envolvendo, a princípio, crianças órfãs e depois idosos. Por meio de algumas comunidades, em geral em centros urbanos, ampliou-se a atividade diacônica junto a pessoas marginalizadas – principalmente crianças e deficientes físicos.¹⁹

Educação

Conforme já vimos, a regra nas colônias de imigrantes era a presença do binômio igreja-escola. Nos primeiros tempos da IELB, praticamente todos os pastores assumiam também a função de mestre-escola. Como o SM tinha professores em número insuficiente para suas próprias escolas nos EUA, poucos foram os que vieram atuar no Brasil. O Instituto em Bom Jesus, que foi fundado em 1903 e antecedeu o Seminário Concórdia, tinha o objetivo de formar pastores e professores para as comunidades. A primeira colação de grau do Seminário Concórdia, em 1912, foi justamente a de professores.

Mesmo somando-se os professores aqui formados aos que vinham do exterior, a falta de quadros docentes continuou grande. Apesar disso, muitas eram as escolas paroquiais. A proibição tanto do uso da língua alemã quanto da direção escolar por estrangeiros durante a Segunda Guerra Mundial representou um duro golpe para elas. Entre 1938 e 1941, o número de escolas reduziu-se de 139 a 91. Após a guerra, houve uma recuperação, sendo que, em 1956, havia 148 escolas paroquiais atendendo cerca de 8.400 crianças. Devido à forte concorrência das escolas públicas, a partir de meados dos anos 1950, as escolas paroquiais acabaram tornando-se inviáveis para as comunidades e foram sendo fechadas em sua maioria. A Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), aprovada por instâncias governamentais em 1987/88 e mantida pela C. E. L. São Paulo de Canoas (RS), é um legado dessa tradição das escolas comunitárias na IELB.

Quanto ao *status* do ministério catequético na IELB, embora sempre tenha tido um reconhecimento oficial maior que o diaconal, a ele jamais foram concedidos, tanto na comunidade como no sínodo, tanto poder e influência quanto a integrantes do ministério pastoral. Não foram poucos os atritos e divisões daí decorrentes.

É preciso destacar a importância das mulheres na história da IELB. Elas foram e têm sido, na verdade, as primeiras pregadoras do evangelho na IELB. As mulheres têm ensinado suas filhas e filhos as primeiras orações, as primeiras

¹⁹ Cf. mais detalhes em SEIBERT, Egon Martim. **The three-self mission approach in the context of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1989. 131 p. Tese (Mestrado) – Concórdia Seminary, St. Louis, 1989. (não publicada). p. 90-94.

histórias bíblicas e as primeiras canções religiosas. O evangelho pregado nessa fase da vida ninguém esquece. As mulheres nas comunidades da IELB souberam ocupar os espaços que aos poucos foram conquistando. Têm-se destacado na instrução de crianças e adolescentes e lideraram a visitação a enfermos e pessoas com problemas. Organizaram seus departamentos, articularam-se na Liga de Senhoras Luteranas do Brasil (1956) e assumiram projetos nos campos da evangelização e da diaconia. Desde os anos 1970 e 1980, foram cada vez mais as comunidades onde as mulheres obtiveram o direito de votar e serem votadas em assembleias, de votar em convenções e tomar parte no conselho diretor da IELB. Cada vez mais as mulheres na IELB, por intermédio de suas ações, chamam a atenção para seu papel imprescindível, assumem novos cargos e responsabilidades, cobrando o devido reconhecimento pelo conjunto da igreja.

Tensão e conflitos no campo político

As tensões no campo político-social também se reproduziram por diversas vezes dentro da IELB. Vale lembrar dois momentos, os quais a pesquisa histórica precisa investigar com mais intensidade. O primeiro corresponde ao período da nacionalização sob Getúlio Vargas, ao qual já nos referimos quando tratamos da proibição do uso da língua alemã. Pessoas inocentes, leigos, professores e pastores, foram presas; escolas fechadas; templos profanados; livros religiosos e equipamentos confiscados e destruídos ou então jamais recuperados. Por outro lado, houve gente da mesma igreja que buscou promover-se, seja local, estadual ou nacionalmente, através de denúncias falsas ou da participação em órgãos da repressão. Houve a trágica situação do povo nas comunidades, que ficou desassistido e viu seus pastores e professores serem tratados como criminosos, seja pela polícia, seja pela imprensa.

O segundo momento é relativo ao regime militar instaurado em 1964. Assim como na Igreja Católica Romana e na maior parte das igrejas protestantes, também na IELB a derrubada de um presidente democraticamente eleito foi saudada como momento inspirado de instauração da ordem no país. À medida que as decisões arbitrárias e a violência inconstitucional foram se tornando a regra, principalmente após 1968, com a decretação do Ato Institucional nº 5, muitos cristãos – inclusive da IELB – e igrejas cristãs passaram a denunciá-lo. A IELB se dividiu. Enquanto um grupo insistia na defesa do governo militar – que a essa altura prendia, torturava, julgava, condenava e matava clandestinamente – como autoridade instituída por Deus, inclusive através da imprensa escrita oficial, outro estava entre os que o acusavam de injusto, arbitrário e opressor.²⁰ A ditadura militar causou profundas chagas na sociedade brasileira e deixou milhões de brasileiros na miséria, em

²⁰ Cf. BERGER, Agenor. **A Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o regime militar**. São Leopoldo, 1992. (monografia inédita).

decorrência da modernização desenvolvimentista e da absurda concentração de renda que promoveu.

A pergunta pela identidade hoje

O acima exposto traz de modo extremamente reduzido e superficial aspectos da história da IELB. Foram apresentadas tão-somente algumas linhas mais gerais, tendo em vista uma compreensão mais ampla de sua gênese e desenvolvimento. Para aprofundamento e detalhamento, remete-se à literatura indicada nas notas bibliográficas. Especialmente o período recente, relativo aos últimos 30 anos, carece de mais abordagens.²¹

A partir do que foi apresentado, porém, fica evidente que a IELB tem vivenciado neste período mais imediato o dilema de subsistir como igreja, apesar do desmoronamento irremediável daquele que foi um de seus pilares principais, a identidade étnica alemã e teuto-brasileira. A diluição de fronteiras por décadas defendidas e os desafios representados por fenômenos impactantes no contexto sociorreligioso brasileiro, como o pluralismo religioso, o carismatismo, as correntes migratórias, a urbanização, a explosão midiática, apenas para citar alguns, obrigatoriamente levam a IELB a perguntar por sua identidade. Nossa hipótese é que tal busca por uma identidade renovada apenas chegará a resultados satisfatórios se houver, de um lado, grande sensibilidade para as condições e demandas na sociedade brasileira e, de outro, releitura comprometida, profunda e criativa de sua tradição confessional.

Referências bibliográficas

- BERGER, Agenor. **A Igreja Evangélica Luterana do Brasil e o regime militar**. 1992. Monografia. São Leopoldo, 1992. (inédita).
- [BRODERS, C. J.]. Eine Missionsreise in Brasilien. **Der Lutheraner**, v. 57, n. 197, 25 jun. 1901.
- BUSS, Paulo W. **Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Porto Alegre: Concórdia, 2006. v. 2.
- BUSS, Paulo Wille. **Relations between the Lutheran Church-Missouri Synod and the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1981. 210 p. Dissertação (Mestrado) – Concordia Seminary, St. Louis, 1981.
- DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Porto Alegre; Caxias do Sul, 1984.

²¹ Cf. HUFF Jr., Arnaldo E. **Vozes da ortodoxia**. O Sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial e do final do regime militar. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora; BUSS, 2006.

- F[UERBRINGER], L. Wie steht es mit Unserer Mission in Brasilien? **Der Lutheraner**, v. 56, n. 245, 7 ago. 1900.
- HUFF Jr., Arnaldo E. **Vozes da ortodoxia**. O Sínodo de Missouri e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil: processos de formação e relações nos contextos da I Guerra Mundial e do final do regime militar. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- LUTERO, M. **Catecismo Menor**. 10. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1965.
- MA[HLER], Wilhelm. Unsere Mission in Südamerika. **Der Lutheraner**, v. 71, p. 479, 7 dez. 1915.
- PRIEN, Hans-Jürgen. **Evangelische Kirchwerdung in Brasilien**: von den deutsch-evangelischen Einwanderergemeinden zur Evangelischen Kirche Lutherischen Bekenntnisses in Brasilien. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1989.
- PRIEN, Hans-Jürgen. **La historia del cristianismo en América Latina**. Salamanca: Sígueme; São Leopoldo: Sinodal, 1985.
- REHFELDT, Mário L. **The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**, the Brazilian District of the Missouri Synod. 1962. 213 p. Dissertação (Mestrado) – Concordia Seminary, St. Louis, 1962, 213 p.
- RIETH, Ricardo W. **O caráter missionário da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1986. 40 fl. Monografia – Seminário Concórdia, São Leopoldo. (inédita).
- ROSER, Hans. **Von Bayern bis Brasilien**: der Martin-Luther-Verein: ein Stück bayerischer Kirchengeschichte. Rothenburg o. d. T.: [s.n.], 1985.
- SEIBERT, Egon Martim. **The three-self mission approach in the context of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. 1989. 131 p. Tese (Mestrado) – Concórdia Seminary, St. Louis, 1989. 131 p. (não publicada).
- STEYER, Walter. **A implantação do luteranismo confessional entre os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul – Brasil: 1900-1904**. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1993.
- TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e igreja**: as comunidades-livres no contexto da estruturação do luteranismo no Rio Grande do Sul. 1996. 176 fl. Dissertação (Mestrado) – IEPG, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 1996. 176 fl.
- WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja**: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil 1900-1974. Porto Alegre: Concórdia, 1979.
- WITT, Osmar Luiz. **Igreja na migração e colonização**: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Teses e Dissertações, v. 8).